



EIXO 7: FORMAÇÃO E TRABALHO DE PROFESSORES EM PERSPECTIVAS FEMINISTAS, INTERSECCIONAL, DE GÊNERO E RAÇA

A FORMAÇÃO DE EDUCADORES E AS PEDAGOGIAS CRÍTICAS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA

Viani da Silva Soares

UNEB/GEHCEL

viani.soares45@gmail.com

Gilmário Brito

UNEB/GEHCEL

gilmariobrito@gmail.com

Resumo

Este trabalho é parte da pesquisa de doutorado intitulada “A Educação Sexual como cultura escolar: percepções sobre gênero e sexualidade de estudantes e *egresses* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – IF Baiano *Campus* Catu, vinculada à Linha de Pesquisa: Processo civilizatório, Educação, Memória e Pluralidade Cultural, do Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade, da Universidade do Estado da Bahia, sob orientação do Prof. Drº. Gilmário Brito. Trata-se de uma abordagem preliminar sobre as influências histórico-culturais que contribuíram para a formulação de um modelo de ensino sobre sexualidade nas escolas brasileiras. Assim, tem como objetivo analisar as perspectivas que ajudaram a moldar a educação sexual como se encontra atualmente no contexto escolar.

Consideramos a possibilidade de realização de tal análise elegendo duas perspectivas essenciais: a de subjugação de corporeidades - feminina, negra e indígena – tanto no processo de colonização quanto por meio do modelo analítico-científico. A partir disso, formula-se a seguinte pergunta: Quais foram as contribuições do processo de colonização de corpos e do modelo analítico-científico para a conformação da educação sexual nas escolas?

A primeira perspectiva trata da subjugação de corpos no processo de colonização brasileira, apontando para uma formação histórico cultural profundamente marcada por uma sociedade patriarcal e machista, que definiu o pensamento sobre a sexualidade no Brasil. A segunda perspectiva, trata do paradigma analítico-científico que contribuiu para

a redução do trabalho pedagógico sobre sexualidade à abordagens de aspectos eminentemente biológicos, como a gravidez na adolescência e infecções sexualmente transmissíveis. Estas duas perspectivas atuam de forma conjunta e representam um atraso secular para a formação dos jovens, pois limitam a abordagem ampla e diversa sobre a sexualidade, resumindo-a ao corpo físico, seus aspectos reprodutivos e tabus culturais.

Para além das perspectivas conformadoras, tendo em vista a forte presença da Igreja Católica no processo colonizador, refletimos sobre os discursos repressivos acerca da sexualidade. A partir de Foucault (2023) é possível dizer que historicamente o casamento e o sexo conjugal sempre coexistiram com as práticas sexuais consideradas pecaminosas, prazerosas e pornográficas. Essa dualidade de vivências, trazem à baila o que a humanidade formulou neste campo: de um lado, aquilo que se mostra socialmente, assentado no casamento monogâmico, na constituição familiar e reprodução da prole, e por outro, o vivido e experimentado em um mundo paralelo, escamoteado, voltado para a vivência intensa do prazer.

Ainda sobre os discursos da sexualidade, Foucault (2023) discorre sobre o regime “poder-saber-prazer” e questiona se a sexualidade foi de fato historicamente reprimida, levantando três hipóteses sobre isso: 1. Se, de fato, desde o século XVII ocorreu a acentuação ou instauração de um regime de repressão ao sexo; 2. Se a mecânica do poder da nossa sociedade é mesmo essencialmente repressiva; 3. Se ocorre concretamente a ruptura histórica entre a Idade da Repressão e a análise crítica da repressão. A partir destas ideias, o filósofo busca determinar as razões em que o regime “poder-saber-prazer” sustenta o discurso sobre a sexualidade humana.

Na superação do persistente quadro conservador sobre a educação sexual nas escolas, apontamos a possibilidade de interferência das pedagogias críticas, que podem ajudar na formulação de subjetividades que tragam novos ares e propostas relacionadas à sexualidade vivida pelos estudantes. As pedagogias críticas se colocam em embate com o modelo heterocisnormativo e corponormativo, subvertem a lógica binária e patriarcal, trazendo para a escola o desafio de pensar o trabalho pedagógico a partir de outros entendimentos sobre sujeito, suas subjetividades e modos de existir. Dentre as pedagogias críticas com estas possibilidades citamos as teorias feministas, Queer, Crip (experiência da deficiência), Freak (modificações corporais) e Transfeministas.



Destacamos os estudos Queer que defendem a ideia de que gênero, sexo e sexualidade foram discursivamente construídos ao longo do tempo e das culturas, assentados em uma estrutura binária. As pedagogias críticas nos ajudam a refletir sobre a importância de tratar com maior abrangência e multirreferencialidade a sexualidade nas escolas, nos desafiando ao enfrentamento de perspectivas repressivas e das múltiplas violências sofridas pelas juventudes.

Sobre esses desafios Gatti (2022) nos lembra que as instituições escolares, tem como função mobilizar não só o mundo do pensamento e dos conhecimentos, mas também o mundo das relações, dos afetos, das culturalidades diferenciadas de sujeitos diversos envolvidos no processo educativo. Deste modo, como resultado desta análise concluímos sobre a necessidade de investir na formação de professores voltada para educação sexual de caráter emancipador, que trate as questões de gênero e sexualidade de modo crítico e que compreendam a urgência de enfrentar os esquemas conceituais do patriarcado e a necessidade de descolonizar pensamentos e saberes, colaborando na formação de subjetividades não conformadas, resistentes e rebeldes.

Palavras-chave: Sexualidade. Escolas. Colonização.

Referências

ANGEL, T. **Manifesto Freak**. Disponível em: <https://www.frrrkguys.com.br/manifesto-freak/>, Acesso em: jun./2025.

BUENO, Rita de Cássia Pereira; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **História da Educação Sexual no Brasil**: apontamentos para reflexão. In.: Revista Brasileira de Sexualidade Humana. 2018. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/download/41/42/112. Acesso em: abr./2024.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. (Col. Sujeito e História)

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**: 1. A vontade de saber. 15. ed. Paz e Terra: São Paulo, 2023.

GATTI, Bernardete Angelina. Contemporaneidade: educação, modernidade e pós modernidade. Revista **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 19 n. 50, 2023. DOI: 10.22481/praxisedu.v19i50.11995



LIMIDO, Roberto Nasimbera. Descolonização ou construção de identidade cultural e educacional? **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 19 n. 50, 2023. DOI: 10.22481/praxisedu.v19i50.11999.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021. (Feminismos Plurais).

RIGAL, Luis; ZINGER, Sabrina; PATAGUA, Patricia Evangelina. Pedagogías críticas: el desafío de la formación de subjetividades rebeldes. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 19, n. 50, e12043, 2023. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792023000100208&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 maio. 2025.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer**. seguido de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Argos 2).

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. rev. e ampl., Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.